

Em sua sabedoria milenar, fruto, em parte, de uma investigação paciente dos sofrimentos e das alegrias da alma, a Igreja católica distingue sete pecados capitais. Acostumados como estamos ao jargon psicanalítico nas nossas considerações relativas à "alma", perdemos a capacidade de server a sabedoria que se esconde na nomenclatura aparentemente ingênua. Os sete pecados capitais são para nós motivo de sorriso, eu, quando muito, motivo para um estudo erudito da história do pensamento. Perderam o seu conteúdo vivencial, não nos horrorizam. Submete à apreciação do leitor a seguinte proposição: a nomenclatura da qual lança mão a Igreja esconde, com sua ingenuidade aparente, um profundo conhecimento da "alma", enquanto que a nomenclatura da qual lança mão a psicanálise esconde, com sua sofisticação aparente, uma ingenuidade fundamental em face da "alma". Em defesa dessa proposição sugiro a consideração do pecado capital "a inveja".

Os sete pecados são os seguintes: a luxúria, a ira, a gula, a avareza, a inveja, a soberba, e a preguiça e tristeza do coração. Atualizemos a nomenclatura, para despi-la de sua ingenuidade aparente: A luxúria é chamada atualmente de "libido", a ira de "superação da situação humana", a gula de "aumento progressivo do standard de vida", a avareza de "conservação e defesa dos valores da civilização", a inveja de "revolução das classes oprimidas", a soberba de "arte como mundo criado pelo homem", e a preguiça e tristeza do coração de "calma filosófica e especulação despreendida e não-comprometida". O leitor possivelmente não concordará prima facie com a tradução aqui proposta. Reservo-me o direito de defendê-la em artigos posteriores. Entretanto salta à vista que a psicanálise reduz os pecados cardinais ao primeiro: ao "libido". A escola freudiana o faz expressamente, as demais escolas o fazem de forma "sublimada" ou "compensada". Os demais pecados não são considerados como sendo molas fundamentais do comportamento da psique. A simplicidade assim alcançada permite uma "explicação" lúcida dos fenômenos psíquicos. A Igreja, menos ingênua, insiste nos sete pecados e não consegue, em consequência, explicar lucidamente a alma.

É evidente que os sete pecados não são equivalentes, mas cada um tem a capacidade curiosa de poder servir como base para todos os demais. A psicologia escolheu a luxúria como ponto de partida de suas investigações. Os gregos clássicos consideraram a soberba ("hybris") como mola mestre do comportamento humano. O Oriente extremo é o berço das religiões da preguiça e tristeza do cora

ção ("Brahman", "Nirvana"). Para os moralistas do século 18 e da primeira metade do século 19 era a gula a "felicidade" que a humanidade perseguia ("pursuit of happiness"). A economia capitalista procura alcançar um paraíso da gula. A ira é o motivo dominante daquele desenvolvimento espiritual que resultou na ciência, essa violentação e desacração da natureza. Para o materialismo dialético a história da humanidade explica-se como ação da inveja e reação da avareza. A mota mestra da história é o "Neid der besitzlosen Klassen" (a inveja das classes sem posse). Do ponto de vista marxista tudo se explica pela inveja, inclusive a ira furiosa, com a qual a ciência investe contra as limitações que nos são impostas, e inclusive a gula insaciável com a qual uma sociedade de consumidores devora produtos e serviços, muito embora o próprio marxismo seja resultado dessa ira e dessa gula.

A inveja, (é preciso confessá-lo em defesa do marxismo), é um pecado majestoso. Os gregos temiam a inveja dos seus deuses. O Deus da Bíblia se confessa invejoso nos Dez mandamentos ("Sou um Deus ciumento"). A explicação da história pela inveja não deixa de ser, portanto, uma teofania. A inveja é um aspecto do Divino que aparece e resplandece ("phalein=phainein") no marxismo. Sendo uma glorificação da inveja, é o marxismo uma religião autêntica, embora inconfessa. Pela inveja glorificada liga o crente com aquilo que o transcende e inspira nele aquele entusiasmo tipicamente religioso que o conduz à êxtase do abandono de si mesmo, tão superbamente ilustrada nas auto-críticas que resultam na morte, como nos processos de Moscou.

Mas como, não é um pecado a inveja? Como, sendo pecado, pode conduzir ela ao entusiasmo, à êxtase, à visão do Divino? E, dentre todos os pecados, não é a inveja a mais vil e desprezível? Embora possamos ter simpatia por exemplo com o soberbo ou com o triste, não sentimos senão nojo do invejoso? Nesta pergunta se esconde o segredo que a Igreja se esforça por velar, ou que ela própria ignora. Os pecados, quando tomados a sério, não podem ser distinguidos das virtudes, o céu não pode ser distinguido do inferno, e Deus do diabo. A inveja glorificada é indistintível do amor ao próximo, e o inferno da inveja vitoriosa que é a sociedade comunista realizada é indistintível da era messiânica. A inveja dos tubarões que transparece nos discursos dos líderes marxistas, a inveja dos Estados Unidos que transparece nos discursos dos líderes soviéticos e a inveja da União Soviética que transparece nos discursos dos líderes chineses não passa de amor no sentido cristão dessa palavra. Os líderes marxistas

querem transformar a sociedade numa sociedade de tubarões, porque amam os tubarões, os líderes soviéticos querem transformar a sociedade numa espécie de Estados Unidos mundial, porque amam os Estados Unidos, e os líderes chineses querem transformar a sociedade numa União Soviética universal, porque amam os russos. A hostilidade que nutrem contra os tubarões, os americanos e os russos é um amor disfarçado. A inveja é um amor disfarçado.

Mas o que conseguimos ao desfarçar essa farça que é a inveja? Dizendo, como estamos, que a inveja é amor disfarçado, estamos com efeito confessando que o amor é inveja disfarçada. Senão vejamos o amor mais intenso do qual é capaz a alma humana de acordo com o testemunho dos místicos: o amor Divino. O amor que o místico sente por Deus almeja e fundir-se da alma com Deus. Em outras palavras: o místico quer ser um com Deus, quer ser Deus, inveja Deus. A impossibilidade de distinguir a inveja do amor, impossibilidade essa que se nos apresentou tão promissora ao considerarmos o marxismo, se apresenta funesta ao considerarmos o misticismo.

O Islã, embora historicamente antecessor, é logicamente a consumação do marxismo. É ele uma síntese do pensamento, judeu, grego, cristão e persa e como tal o verdadeiro continuador da idéia da sociedade perfeita, tal como foi esboçada pela primeira vez pelos imperadores achemenidas no Império persa. O califado é a sociedade comunista perfeita e transcendentalizada. Não é de surpreender que o marxismo encontrou chão apropriado no território bizantino, aquele território ocidental portanto que sempre tem sido adubado por idéias nas metanas. O califado é baseado no conceito da "esmola". É característico que a palavra "esmola" é árabe em todas as línguas européias. A esmola é o amor (ou a inveja) materializados. Graças ao conceito da esmola é o imposto sobre a renda santificado e transformado em sacrifício. O sacrifício, a libação, é o fundamento da sociedade e santifica a sociedade e o Estado. O imposto sobre a renda, a avareza vencida e a inveja triunfante, transforma o Estado em Civitas Dei. O Estado é a inveja entronizada no Trono do Pavão persa e cobada pela Tiara achamenida.

O Ocidente latino nunca conseguiu alcançar esta visão entronizada da inveja, e a Santidade do Estado, porque o Ocidente latino é resultado de uma luta entre Estado e Igreja. Era a ira que triunfou no Ocidente latino em consequência da luta. Mas o Ocidente grego tinha a inveja triunfante, o Estado santo, sempre em mira. O Imperador bizantino e o Tsar da Santa Rússia eram aspirantes

a califas, como o é atualmente o Secretário Geral do Partido. É por esta razão que surgiu a ciência no Ocidente latino e o estado comunista no Ocidente grego. Uma verdadeira compreensão vivencial do comunismo é possível somente através o conceito sacral da esmola e consequente santidade do Estado. O Estado é a soma dos sacrifícios. O Estado é a avareza vencida. O Estado é o amor, a inveja entronizados. O Estado é uma teofania. No Islã, e na medida em que o comunismo se transformou em religião também na União Soviética, podemos observar como a dicotomia amor-inveja se dissolve no fogo purificador da fé. Para nós ocidentais latinos pode parecer que se trata de uma fé diabólica, já que adora um pecado. Mas porventura não estamos fazendo a mesma coisa, com a diferença que adoramos um pecado diferente? O nosso culto da personalidade, tão tipicamente latino, não é um culto da ira? Mas este problema será tratado num próximo artigo. Os pecados cardinais e as virtudes a eles correspondentes são as fontes das quais brota a nossa consciência. A impossibilidade de distinguir entre pecado e virtude é o drama da nossa consciência. Desconhecer essa dificuldade é o sintoma da fé. Corresponde ao estado da graça. Saber dessa dificuldade é o sintoma da dúvida. Corresponde ao estado do "non peccare non posse" (não poder senão pecar). Não poder distinguir entre invejar e amar significa não poder invejar e amar. Mas esta própria impossibilidade é, ela também, um pecado cardinal: preguiça e tristeza de coração. Em outras palavras: a dúvida conduz à filosofia. Felizmente não é possível vivencialmente não invejar e não amar. A distância filosófica é vivencialmente inalcançável. A dúvida autêntica é vivencialmente insustentável. Felizmente todos nós continuaremos invejosos, isto é não totalmente afastados da face Divina.